

Identificação de termos oitocentistas relacionados às plantas medicinais usadas no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, Brasil¹

Maria Franco Trindade Medeiros^{2,5}, Regina Helena Potsch Andreatta³ e Luci de Senna Valle⁴

Recebido em 19/04/2010. Aceito em 19/06/2010

RESUMO – (Identificação de termos oitocentistas relacionados às plantas medicinais usadas no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, Brasil). Em busca da identificação das plantas utilizadas na medicina do século XIX, este trabalho se deteve à análise dos seis códices intitulados “livros de receitas de medicamentos”, depositados no Arquivo do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro (Brasil). O levantamento foi concretizado através da leitura sistemática dos mesmos visando à elaboração de uma listagem geral dos termos que faziam alusão às plantas usadas na prática diária da enfermaria e botica (farmácia) do mosteiro do Rio de Janeiro, no período de 1837 a 1840, 1860 e 1880. Assim, criou-se uma categoria de nomes populares presentes nas formulações, qual seja, a “referência direta”, que passou a agrupar todos os nomes populares que faziam menção diretamente ao nome de um vegetal. Este grupo passou por um processo de identificação por meio de consulta à bibliografia especializada e de especialistas botânicos. Ao final desta etapa pode-se chegar às pistas taxonômicas referentes aos termos ligados às plantas. São, portanto, 150 referências diretas, das quais 92% (138) puderam ser identificadas botanicamente. Ao todo foram identificadas 152 espécies e variedades, pertencentes a 123 gêneros, englobados em 67 famílias. Estes documentos que versam sobre a prática médica brasileira, mais especificamente no tocante às plantas utilizadas em épocas passadas, constituem-se em fontes primárias de informação sobre o repertório de espécies conhecidas.

Palavras-chave: análise documental, Etnobotânica histórica, plantas medicinais, Rio de Janeiro, século XIX

ABSTRACT – (Identification of 19th century terms for medicinal plants used in the São Bento Monastery of Rio de Janeiro, Brazil). In order to identify plants used for medicinal purposes in the 19th century, this work analyzed six codices entitled “books of medicinal formulations” kept in the archives of the São Bento Monastery of Rio de Janeiro, Brazil. The survey was carried out by way of a systematic reading of the six volumes and preparation of a list of terms that refer to plants used on a regular basis in the infirmary and pharmacy at the monastery in Rio de Janeiro from 1837 to 1840, and from 1860 to 1880. It was therefore possible to create a list of popular names from the formulas and this “direct reference” categorized the popular names that made direct reference to a given plant. These plants were then identified by consulting the specialized literature and botanists. At the end of this stage we obtained the taxonomic clues that made reference to the popular names of the plants. A total of 150 direct references to plants were encountered in the codices, of which 92% (138) were identified botanically, representing 67 families comprising 123 genera and 152 species and varieties. These documents record the history of medical practice in Brazil and constitute the primary reference source for information about the traditional repertoire of medicinal plant species used in the 19th century.

Key words: document analysis, historical ethnobotany, medicinal plants, Rio de Janeiro, 19th century

Introdução

O estudo das evidências escritas constitui-se numa importante ferramenta para a investigação de diferentes aspectos da relação entre as sociedades humanas e as plantas na história passada (Medeiros 2009). Valendo-se de textos históricos deixados por cronistas, literatos, médicos, naturalistas, etc., a Etnobotânica histórica, a partir da análise minuciosa destas fontes primárias, reúne informações sobre a inter-relação estabelecida entre o homem de diferentes culturas e as plantas (Cotton 1996; Medeiros 2007). Alguns autores têm trabalhado sob este prisma, contribuindo para o resgate de informações e para uma interpretação do que hoje é vivenciado no âmbito da utilização de recursos vegetais como, por exemplo, Pardo-de-Santayana (2006), Giorgetti *et al.* (2007), Almeida *et al.* (2008), Brandão *et al.* (2008), Pollio (2008) e Luczaj (2008).

Neste sentido, os documentos que versam sobre a prática médica brasileira, mais especificamente no tocante às plantas utilizadas em épocas passadas, constituem-se em fontes primárias de informação sobre o repertório de espé-

cies conhecidas. Um documento inédito que versa sobre o emprego de plantas medicinais no período oitocentista da história brasileira são os manuscritos intitulados “livros de receitas de medicamentos”. Nestas evidências escritas são apresentadas as formulações que eram prescritas diariamente pelos médicos e cirurgiões da enfermaria do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, na cidade do Rio de Janeiro (Brasil), e que, por sua vez, eram aviadas pelos boticários (farmacêuticos) da botica do dito mosteiro. Estes receituários retratam portanto, um período em que os monges beneditinos do mosteiro carioca mantinham atividades relacionadas às artes de curar. Através da terapêutica vigente naquele período, eram atendidos nas oficinas de enfermaria e botica os enfermos da própria comunidade religiosa, escravos, bem como a população da cidade em geral. Diante deste cenário, a análise, transcrição e identificação dos termos paleográficos contidos nas formulações que se relacionavam às espécies vegetais utilizadas na medicina do século XIX, presentes nos “livros de receitas de medicamentos”, depositados no Arquivo do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, tornaram-se o alvo de estudo do trabalho que aqui se apresenta.

¹ Parte da tese de Doutorado da primeira Autora

² Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Biologia, Laboratório de Etnobotânica Aplicada, Recife, PE, Brasil

³ Universidade Santa Úrsula, Instituto de Ciências Biológicas e Ambientais, Laboratório de Angiospermas, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

⁴ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Departamento de Botânica, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

⁵ Autora para correspondência: mariaftm@hotmail.com

Material e métodos

Procedeu-se à leitura dos seis volumes de manuscritos originais intitulados “livros de receitas de medicamentos”, depositados no Arquivo do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro (AMSBRJ), localizado na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Estes se constituíram na fonte primária fornecedora dos termos que faziam alusão às plantas usadas na prática diária da enfermagem e botica do mosteiro do Rio de Janeiro durante o período compreendido por um triênio inicial – 1837 a 1839 – e as décadas subsequentes – 1840, 1860 e 1880, não sendo contempladas as décadas de 50 e 70 por ausência de informações nos manuscritos.

Os termos botânicos, relativos aos nomes populares das plantas, foram transcritos conforme a caligrafia da época (século XIX), optando-se por manter a versão da leitura paleográfica dos receituários analisados e, por isto, aparecem no texto entre aspas, excetuando-se nas tabelas para uma visualização mais clara das mesmas.

Com a coleta destas informações elaborou-se uma listagem geral das referências encontradas nos documentos. Fez-se também uma seleção dos dados entre três categorias propostas por Filgueiras & Peixoto (2002): referências diretas, “identificáveis” e “não identificáveis”, com algumas adequações para o estudo em questão. As referências diretas fazem menção diretamente aos nomes populares das plantas medicinais utilizadas na botica do mosteiro. Às plantas inseridas na categoria de “identificáveis” buscou-se atribuir nomes científicos a partir de consultas ao Chernoviz (1908) e Gomes (1876), livros de cunho médico-farmacêutico que eram extremamente difundidos e consultados na época. Com relação ao “Chernoviz” pode-se dizer que este guia médico foi utilizado por pessoas de diferentes categorias sociais e profissionais, como donos de boticas, religiosos, líderes políticos e matriarcas que cuidavam de pessoas doentes e necessitadas (Guimarães, 2005). Quando o nome popular de uma planta (a referência direta) aparecia neste processo de identificação com mais de uma possibilidade para a nomenclatura científica, todas elas foram anotadas. A nomenclatura botânica empregada na identificação necessitou de atualização devido às mudanças ocorridas desde o século XIX aos tempos atuais. Tal atualização foi realizada na base de dados Missouri Botanical Garden’s VAST (VAScular Tropicos) nomenclatural database – W3 Tropicos (2006), The International Plant Names Index – IPNI (2006), em literatura especializada, além de passar por revisão nomenclatural de especialistas botânicos. A abreviatura dos nomes dos autores das espécies e variedades seguiu Brumitt & Powell (1992). O sistema de classificação adotado para Angiospermae e Pinophyta foi o Angiosperm Phylogeny Group – APG II (2003), para Pteridophyta o de Tryon & Tryon (1982), para Rodophyta o de Taylor (1967) e Wynne (1998) e para Ascomycota o de Kirk *et al.* (2001).

Resultados e discussão

Das 150 referências diretas, 92% (138) puderam ser identificadas botanicamente. Ao todo foram identificadas 152 espécies e variedades, pertencentes a 123 gêneros, englobados em 67 famílias (Tab. 1). Destas, somente cinco referências foram identificadas em nível genérico como, por exemplo, o “aloes” ao qual podem estar relacionadas diferentes espécies do gênero *Asparagus* L., não havendo especificação pela própria literatura da época. Para 12 referências diretas não foi possível chegar a uma identificação botânica, dentre estas citam-se a “alexandria” e o “pucilago”. Na Carta de Caminha a D. Manoel I, na época do descobrimento, Filgueiras & Peixoto (2002) fazem menção a 45 termos referentes a plantas, dos quais 19 puderam ser identificados botanicamente. Em pesquisa realizada por Alcides (2005) sobre as espécies vegetais contidas na *Historia naturalis Brasiliae*, obra de Piso e Marcgrave que tinha como principal objetivo coletar e descrever espécies medicinais e alimentícias, foram apontadas 367 espécies vegetais descritas pelos autores. Ao estabelecer um paralelo entre o número de táxons usados na

botica do Mosteiro de São Bento e a percepção do mundo vegetal de Caminha e membros da expedição de Cabral no século XVI, e os recursos naturais contemplados e estudados por Piso e Marcgrave no século XVII, percebe-se que há um incremento e depois um decréscimo no número de táxons mencionados ao longo dos séculos XVI, XVII e XIX. Esta comparação permite evidenciar que o universo de conhecimentos acerca dos vegetais sofre modificações no decorrer da história, por estar condicionado às questões políticas, econômicas, sociais e culturais daqueles que lançaram o “primeiro olhar” sobre o Novo Mundo, dos naturalistas que buscavam registrar todo o possível no que dissesse respeito ao uso de vegetais, dos médicos que faziam a anamnese dos doentes que recorriam à botica do mosteiro, e de boticários que manipulavam os medicamentos determinados pelas prescrições médicas.

As referências diretas encontradas nos manuscritos foram identificadas como fazendo parte das Angiospermae, Pteridophyta, Pinophyta, Rodophyta e Ascomycota. As Angiospermae foram as que obtiveram o maior número de famílias (61) e de espécies e variedades, representando um total de 95% (145) (Tab. 2).

Dentre as Angiospermae, as famílias mais representativas são Fabaceae (9%, 14 táxons), Asteraceae (7%, 11 táxons), seguidas de Lamiaceae, Rosaceae (5%, oito táxons cada) e Solanaceae (5%, sete táxons) (Fig. 1). Estas cinco famílias que contribuíam com o maior número de plantas usadas na botica do mosteiro representam 32% do total de táxons, o que também pode ser evidenciado em outros estudos. Em trabalhos de plantas medicinais realizados nos Estados do Amazonas, Pernambuco, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Mato Grosso e Rio Grande do Sul, as informações compiladas junto a comunidades locais normalmente indicam que as famílias Fabaceae, Asteraceae, Lamiaceae e Solanaceae estão entre as que encerram maior riqueza específica (cf. Almeida & Albuquerque 2002; Amorozo 2002; Boscolo & Senna-Valle 2008; Botrel *et al.* 2006; Garlet & Irgang, 2001; Marodin & Baptista 2001; Silva & Corrêa 1995). Este fato evidencia que estas famílias botânicas continuam sendo, desde o século XIX até os dias de hoje, as grandes fornecedoras de matéria-prima de uso medicinal, isto porque tratam-se de famílias que contêm ingredientes ativos, como óleos essenciais (Asteraceae, Lamiaceae), alcalóides (Solanaceae) e heterosídeos (Fabaceae), com atividades farmacológicas.

Apesar de se poder atribuir diferentes espécies à referência direta “avenca” (Barros & Andrade 1997), levou-se em consideração as informações do século XIX contidas em Chernoviz (1908), ficando assim definido que *Adiantum capillus-veneris* (Pteridaceae) seria a espécie a ser considerada. Santos & Sylvestre (2000) chamam a atenção para os poucos trabalhos de cunho etnobotânico que abordem as Pteridófitas que, no entanto, podem ser fontes preciosas de recursos para a medicina, paisagismo e alimentação.

Pinophyta incluiu espécies que forneciam à farmácia um óleo que, no caso do “zimbro” (*Juniperus communis*

Tabela 1. Referências diretas (RD) citadas nos “livros de receitas de medicamentos” (AMSBRJ) passíveis de identificação botânica, em grandes grupos, famílias, gêneros, espécies e variedades (Sp./Var.); e referências diretas (RD) indeterminadas. (* = Referências diretas (RD) relacionadas às espécies nativas do Brasil).

Grupo / Família	Sp./Var.	RD
Angiospermae		
Amaranthaceae	<i>Gomphrena globosa</i> L.	Perpetua
Apiaceae	<i>Apium petroselinum</i> L.	Salsa hortense
	<i>Conium maculatum</i> L.	Cicuta
	<i>Ferula assa-foetida</i> L.	Assafetida
	<i>Pimpinella anisum</i> L.	Erva-doce, erva doce
Apocynaceae	* <i>Geissospermum laeve</i> (Vell.) Miers	Páo pereira, pau pereira
Aristolochiaceae	* <i>Aristolochia trilobata</i> L.	Mil homens
Asteraceae	<i>Anacyclus</i> sp.	Macella ou macella galega
	<i>Matricaria recutita</i> L.	Camomila
	<i>Arnica montana</i> L.	Arnica
	<i>Artemisia absinthium</i> L.	Losna
	<i>Artemisia vulgaris</i> L.	Arthemizia
	<i>Cichorium endivia</i> L.	Chicória, chicorea
	<i>Cichorium intybus</i> L.	Almeirão
	<i>Lactuca sativa</i> L.	Alface, lactuario
	<i>Leontodon taraxacum</i> L.	Taraxaco, terraxaco
	<i>Lappa major</i> Gaertn.	Bardana
	<i>Mikania</i> sp.	Guaco
Bignoniaceae	* <i>Jacaranda copaia</i> (Aubl.) D. Don.	Caroba
Bixaceae	* <i>Bixa orellana</i> L.	Urucú, urucu
Boraginaceae	<i>Borago officinalis</i> L.	Borragem, borragens
Brassicaceae	<i>Brassica arvensis</i> (L.) Rabenh. e <i>Brassica nigra</i> (L.) W.D.J.Koch	Mostarda, mustarda
	<i>Cochlearia officinalis</i> L.	Cochlearia
Burseraceae	<i>Commiphora myrrha</i> (Nees) Engl.	Mirrha
	* <i>Protium icicariba</i> (DC.) Marchand	Elemi (Ung.to), bálsamo de Arceu, almeçiga
	<i>Santiria trimera</i> (Oliv.) Aubrév.	Balsamo de S. Thomé
Cannabaceae	<i>Humulus lupulus</i> L.	Lupulo
Caprifoliaceae	<i>Sambucus nigra</i> L.	Sabugueiro
Caryophyllaceae	<i>Saponaria officinalis</i> L.	Saponaria
	<i>Garcinia morella</i> Desr. e <i>Garcinia hamburyi</i> Hook.f.	Gomma gutta

Tabela 1. Continuação.

Grupo / Família	Sp./Var.	RD
Convallariaceae	<i>Asparagus</i> sp.	Aloes
	<i>Asparagus spicata</i> L.f.	Aloes socotorino
	<i>Scilla maritima</i> L.	Scilla, scella
Convolvulaceae	<i>Exogonium purga</i> (Wender.) Benth.	Jalappa, jalapa
Cucurbitaceae	<i>Bryonia alba</i> L.	Brionia
	<i>Cucumis sativus</i> L.	Pepino, pepinos
	<i>Ecballium elaterium</i> (L.) A.Rich.	Elatério
Euphorbiaceae	<i>Croton tiglium</i> L.	Croton
	<i>Tithymalus canariensis</i> (L.) H. Karst. e <i>Tithymalus resinifer</i> (O.Berg) H.Karst	Euforbia, euphorbia
	<i>Ricinus communis</i> L.	Mamona, palma criste, ricino
Fabaceae	<i>Andira</i> sp.	Angelim
	<i>Astragalus verus</i> Olivier	Gomma alcatira
	<i>Senna alexandrina</i> Mill.	Senne
	<i>*Copaifera langsdorffii</i> Desf., <i>*Copaifera multijuga</i> Hayne, <i>*Copaifera officinalis</i> (Jacq.) L. e <i>*Copaifera reticulata</i> Ducke	Cupaiba
	<i>Glycyrrhiza glabra</i> L. e <i>*Periandra mediterranea</i> (Vell.) Taub.	Alcassus
	<i>Acacia catechu</i> (L.f.) Willd.	Catto, cato
	<i>Acacia nilotica</i> (L.) Willd. ex Delile	Gomma arabia, goma arábica, goma
	<i>*Myroxylon balsamum</i> (L.) Harms	Tolú
	<i>Physostigma venenosum</i> Balf.f.	Favas
<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarindos	
Gentianaceae	<i>Centaurium erythraea</i> Rafn., <i>*Deianira nervosa</i> Cham. et Schlecht. e <i>*Deianira pallescens</i> Cham. et Schlecht.	Centauria menor
	<i>Gentiana lutea</i> L.	Genciana
Iridaceae	<i>Crocus sativus</i> L.	Assafrão
	<i>Iris florentina</i> L., <i>Iris germanica</i> L. e <i>Iris pallida</i> Lam.	Lirio roxo
Krameriaceae	<i>Krameria triandra</i> Ruiz & Pav.	Rathanhia
Lamiaceae	<i>Glechoma hederacea</i> L.	Erva terrestre, hera terrestre, éra terrestre, era terrestre
	<i>Hyssopus officinalis</i> L.	Hysopo, hyzopó, hysopó
	<i>Lavandula angustifolia</i> Mill.	Alfazema
	<i>Melissa officinalis</i> L.	Melica, melissa, erva cidreira, erva cedreira ou herva cidreira
	<i>Mentha rotundifolia</i> (L.) Huds. e <i>Mentha viridis</i> (L.) L.	Ortelã, hortelã vulgar
	<i>Mentha x piperita</i> L.	Ortelã pimenta, hortelã pimenta
	<i>Salvia officinalis</i> L.	Salva

Tabela 1. Continuação.

Grupo / Família	Sp./Var.	RD
Lauraceae	<i>Cinnamomum camphora</i> (L.) J.Presl <i>Cinnamomum zeylanicum</i> Blume <i>Sassafras albidum</i> (Nutt.) Nees	Cânfora, camphora em pedra Canella Sassafras
Lecythidaceae	* <i>Cariniana legalis</i> (Mart.) Kuntze	Jaquatibá, jacatibá
Linaceae	<i>Linum usitatissimum</i> L.	Linhaça
Lobeliaceae	<i>Lobelia inflata</i> L.	Lobelia
Loganiaceae	<i>Strychnos ignatii</i> P.J.Bergius <i>Strychnos nux-vomica</i> L.	Favas Noz vomica
Malvaceae	<i>Althaea officinalis</i> L. <i>Malva rotundifolia</i> L. e <i>Malva sylvestris</i> L. <i>Sphaeralcea cysplatina</i> A.St.-Hil.	Althea Malvas Malvaisco
Menispermaceae	* <i>Chondrodendron tomentosum</i> Ruiz & Pav.	Abutua
Menyanthaceae	<i>Menyanthes trifoliata</i> L.	Trifolio febrino, trifolio
Moraceae	<i>Ficus carica</i> L. <i>Morus nigra</i> L.	Figos Amoras
Musaceae	<i>Musa</i> sp.	Bananas
Myristicaceae	<i>Myristica fragrans</i> Houtt. e <i>Myristica moschata</i> L.	Noz moscadas
Myrtaceae	<i>Myrtus communis</i> L. <i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merr. & L.M.Perry	Murta Cravo da Índia
Nyctaginaceae	* <i>Boerhavia diffusa</i> L.	Herva tostão, erva tostão
Oleaceae	<i>Fraxinus rotundifolia</i> Lam. e <i>Ornus ornus</i> (L.) H.Karst.	Manná, maná, manna, manna em lágrima, manna de lágrima, mana escolhido
Papaveraceae	<i>Fumaria capreolata</i> L. <i>Papaver rhoeas</i> L. <i>Papaver somniferum</i> L. <i>Papaver somniferum</i> var. <i>album</i> (Mill.) Vessel.	Fumaria Papoulas rubras Ópio Dormideiras
Phytolacaceae	* <i>Petiveria alliacea</i> L.	Pipi
Piperaceae	* <i>Pothomorphe umbellata</i> (L.) Miq.	Pariparoba
Plantaginaceae	<i>Plantago major</i> L.	Tanaxagem
Poaceae	<i>Avena strigosa</i> Schreb.	Aveia, aveia solutiva

Tabela 1. Continuação.

Grupo / Família	Sp./Var.	RD
	<i>Hordeum hexastichum</i> L.	Cevada
	<i>Panicum dactylon</i> L.	Gramma
Polygalaceae		
	<i>Polygala amara</i> L.	Polygalaô de virgina, polygala
Polygonaceae		
	* <i>Persicaria hydropiperoides</i> (Michx.) Small	Persicaria
	<i>Rheum officinale</i> Baill. e <i>Rheum palmatum</i> L.	Ruibarbo, rhuibarbo
	<i>Rumex acetosa</i> L.	Azedas
Primulaceae		
	<i>Cyclamen europaeum</i> L.	Arthanita, artanita
Punicaceae		
	<i>Punica granatum</i> L.	Romeira mança
Ranunculaceae		
	<i>Aconitum napellus</i> L.	Aconito
	<i>Anemone pulsatilla</i> L.	Pulsatilla
Rosaceae		
	<i>Amygdalus dulcis</i> Mill.	Amêndoas-doce, amêndoa-doce, amêndoas, amendoas-doce, amendoas
	<i>Amygdalus persica</i> L.	Pecegueiro
	<i>Fragaria vesca</i> L.	Fragraria
	<i>Prunus domestica</i> L.	Ameixas
	<i>Prunus laurocerasus</i> L.	Louro cerejo, louro cereja
	<i>Pyrus cydonia</i> L.	Marmello, marmellos
	<i>Pyrus malus</i> L.	Peras
	<i>Rosa gallica</i> L.	Rozas, rosas, roza rubra, alexandria, mel rozado
Rubiaceae		
	<i>Cinchona calisaya</i> Wedd.	Quina, quina amarela, peruviana, cascás peruviana
	<i>Cinchona succirubra</i> Pav. ex Klotzsch	Quina vermelha
	* <i>Psychotria ipecacuanha</i> (Brot.) Stokes	Ipecacuanha, poaia, puaia
Rutaceae		
	<i>Citrus</i> sp.	Laranja da terra
	<i>Citrus aurantium</i> L.	Laranja, laranjas laranjeira
	<i>Citrus limon</i> (L.) Burm.f.	Limão, limão azedo
Scrophulariaceae		
	<i>Digitalis purpurea</i> L.	Digitalis, digital
Simaroubaceae		
	* <i>Quassia amara</i> L.	Quacia
Smilacaceae		
	* <i>Smilax longifolia</i> Rich. e * <i>Smilax siphilitica</i> Humb. & Bonpl. ex Willd.	Salsa parrilha
Solanaceae		
	<i>Atropa belladonna</i> L.	Belladonna, beladonna
	<i>Hyosциamus niger</i> L.	Meimandro
	<i>Nicotiana tabacum</i> L.	Nicociana

Tabela 1. Continuação.

Grupo / Família	Sp./Var.	RD
	<i>Solanum cernuum</i> Vell.	Panaceia
	<i>Solanum dulcamara</i> L.	Dulcemara
	* <i>Solanum paniculatum</i> L.	Jurubeba
	<i>Solanum tuberosum</i> L.	Batata
Sterculiaceae		
	* <i>Theobroma cacao</i> L.	Cacau, cacao
Tiliaceae		
	<i>Tilia europaea</i> L.	Tília
Urticaceae		
	<i>Parietaria lusitanica</i> L. e <i>Parietaria officinalis</i> L.	Parietaria, parietária
Valerianaceae		
	<i>Valeriana officinalis</i> L.	Valeriana, valeriana silvestre
Violaceae		
	<i>Viola odorata</i> L.	Viola
Vitaceae		
	<i>Vitis vinifera</i> L.	Passas
Zygophyllaceae		
	<i>Guaiacum officinale</i> L.	Guaiaco, gomma guaiaco, páo santo
Pteridophyta		
Pteridaceae		
	<i>Adiantum capillus-veneris</i> (L.) Hook.	Avenca
Pinophyta		
Cupressaceae		
	<i>Juniperus communis</i> L.	Zimbro
Pinaceae		
	<i>Pinus abies</i> L.	Pez de borgonha
	<i>Pinus maritima</i> Mill.	Pinheiro
Ascomycota		
Clavicipitaceae		
	<i>Claviceps purpurea</i> (Fr.) Tul.	Centeio espigado
Parmeliaceae		
	<i>Cetraria islandica</i> (L.) Ach.	Musgo Islandico, musgo islândico
Rodophyta		
Gigartinaceae		
	<i>Gigartina helminthocorton</i> (Schwendimann) J.V.Lamouroux	Musgo da Corcega
Indeterminado		
		Alexandria
		Capilares
		Helicana
		Pucilago
		Salsa da Hollanda
		Flores de enxofre, flor de enxofre
		Jodi (tintura)
		Lenhos salsado, linhos salsado
		Malvais
		Malvavisco
		Naffé
		Ruffo

Tabela 2. Soma do número (No.) de famílias, gêneros, espécies e variedades para cada grande grupo.

Grupo	No. família	No. gênero	No. sp./var.
Angiospermae	61	117	145
Pinophyta	2	2	3
Ascomycota	2	2	2
Pteridophyta	1	1	1
Rodophyta	1	1	1
Total: 5	67	123	152

– Cupressaceae) era extraído das sementes e, nas Pinaceae (“pez de borghonha” – *Pinus abies* e “pinheiro” – *Pinus maritima*), extraía-se dos ramos novos (Chernoviz 1908).

Grupos como Ascomycota e Rodophyta incluíram as referências diretas “musgo islandico” ou “musgo islandico” e “musgo da corcega”, que foram identificadas como *Cetraria islandica* e *Gigartina helminthocorton*, respectivamente. Fato curioso é o nome popular destas duas espécies trazerem em si uma referência “enganosa” aos musgos, uma vez que não se tratam de Briófitas. Ainda em Ascomycota, foi citada a referência “centeio espigado” (*Claviceps purpurea* – Clavicipitaceae), um fungo que tem como planta hospedeira espécies de Poaceae, principalmente o centeio (*Triticum cereale*), como indicado por Mendes *et al.* (1998).

Do elenco passível de identificação, 15 referências estão relacionadas a mais de uma espécie (Tab. 1). “Favas” foi a única referência que apresentou dupla possibilidade de identificação específica, sendo cada uma delas pertencente a famílias botânicas distintas: *Physostigma venenosum* – Fabaceae e *Strychnos ignatii* – Loganiaceae.

Das 152 espécies e variedades 16% (25) são de plantas nativas do Brasil (Tab. 4) e 84% (127) são de exóticas, mormente européias. Para duas referências diretas foram encontradas duas possibilidades de identificação, sendo uma espécie nativa e a outra exótica (Tab. 1). Foi o caso do “alcassus”, que apareceu relacionado às espécies *Glycyrrhiza glabra* e *Periandra mediterranea*, sendo esta última uma planta nativa usualmente empregada no lugar da primeira, sendo ambas utilizadas para edulcorar as tisanas e para confeccionar pílulas (Anesi 1913; Araújo 1916). A outra referência direta com dupla possibilidade de identificação nativa/ exótica foi a “centauria menor”, que poderia ser *Centaureum erythraea*, uma planta exótica, comum em Portugal, ou seria a *Deianira pallens* e *Deianira nervosa*, espécies nativas das “partes montanhosas do Brasil Central” (Chernoviz 1908). Esta utilização de elevado número de espécies exóticas com fins terapêuticos foi também documentado por Medeiros *et al.* (2005), em pesquisa desenvolvida junto a sítios que residem em área de Mata Atlântica, como igualmente observaram Silva & Andrade (1998), em levantamento das

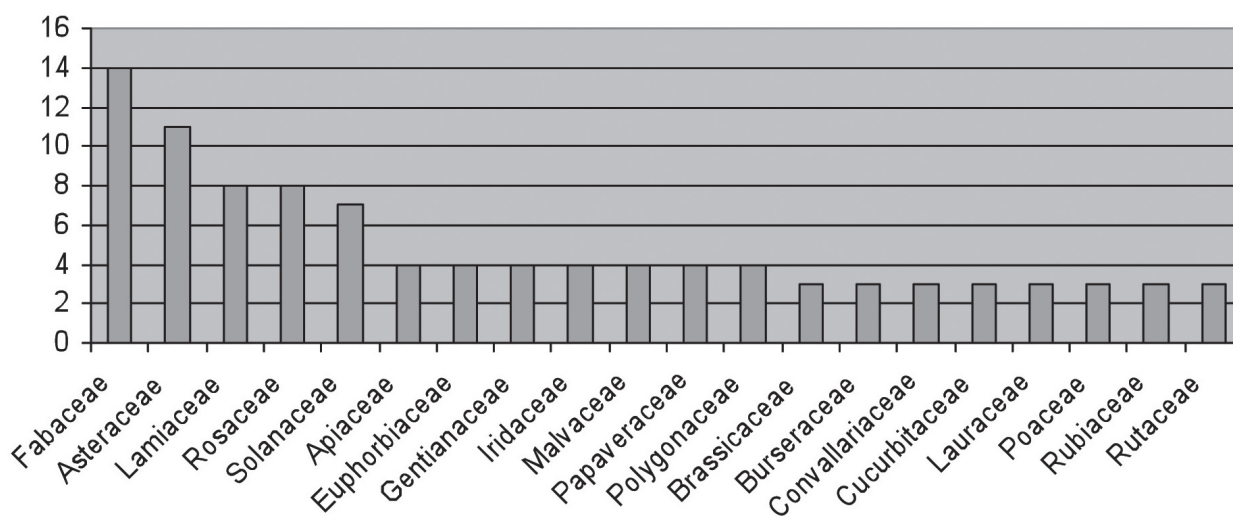


Figura 1. Famílias de Angiospermae com seus respectivos números de táxons.

espécies medicinais de duas aldeias da tribo Xucuru (em Pernambuco). Amorozo (2002) nota que o uso de plantas medicinais por comunidades locais pode ser desvalorizado e restringido pelas novas opções de cuidados com a saúde, trazidas pela “modernização”, o que acaba gerando um abandono das práticas tradicionais de cura, além do que a substituição de ambientes naturais por artificiais destinados ao cultivo pode acarretar na sobreposição de novos valores aos antigos exercidos. Esta ocorrência da flora medicinal ser em grande parte composta por espécies exóticas sugere que o aporte cultural de comunidades locais que passam a residir em áreas mais expostas ao contato com o conhecimento e uso de plantas introduzidas, como também a proximidade de recursos institucionalizados de saúde, modifica o rol de plantas medicinais nativas conhecidas pelos indivíduos. Vê-se então que diferentes aportes podem influenciar a seleção de espécies vegetais nativas e exóticas, repercutindo no conhecimento e ação das populações humanas em processos que são dinâmicos e diferenciados ao longo da história. Porém, apesar de todas as intervenções o ser humano dá continuidade ao uso expressivo de espécies outrora usadas.

Sugere-se que o avivamento desta memória é uma rica fonte de pistas acerca do emprego de plantas medicinais.

Agradecimentos

Ao Dom Abade Roberto Lopes, Dom Abade Filipe da Silva e Dom João Evangelista Martins Afonso de Paiva e aos funcionários do Arquivo do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro pela acolhida de nossa proposta de pesquisa de tese; à Maria José Franco Trindade Medeiros pela leitura do texto, ao Alexandre Muta pelo auxílio no ajuste técnico da imagem, à Dra. Mariângela Menezes, à Dra. Fátima Gil, à Dra. Elsie Franklin Guimarães, à Dra. Lúcia d'Ávila F. de Carvalho, ao Dr. Anibal Alves de C. Junior, ao Dr. Roberto Esteves, ao Dr. João Marcelo A. Braga, ao Dr. Massimo G. Bovini, ao M.Sc. Frederico Tapajós de S. Tâmega, à Dr. Claudine Mynssen e ao Robson D. Ribeiro, especialistas que dispensaram seu tempo e atenção à atualização da identificação botânica, e indicação de literatura específica; à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de doutorado e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa de pós-doutorado e de produtividade concedidas à primeira autora e à segunda autora, respectivamente.

Referências

- Alcides, M.M. 2005. **Historia naturalis Brasiliae: um estudo do registro botânico holandês seiscentista**. 205 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA) – Universidade Federal de Alagoas, Alagoas.
- Almeida, A.V.; Luna, P.D.C.; Santana, T.H. & Lima, V.R. 2008. As plantas medicinais referenciadas pelo cirurgião e naturalista pernambucano Joaquim Jerônimo Serpa (1773-1842): uma ponte entre o passado e a atualidade. **Sitientibus** 8: 103-112.
- Almeida, C.F.C.B.R. de & Albuquerque, U.P. 2002. Uso e conservação de plantas e animais medicinais no Estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): um estudo de caso. **Interciência** 6: 276-285.
- Amorozo, M.C.M. 2002. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasílica** 16(2): 189-203.
- Anesi, J.A. 1913. **Resumo de botânica médica**. Rio de Janeiro, Livraria de F. Briguet & C.
- ANGIOSPERM Phylogeny Group (APG II) 2003. <http://www.mobot.org/MOBOT/Research/APweb/> (Acesso em: 10/10/2006).
- Araújo, J.E.S. 1916. **Cultura e aclimatização de plantas medicinais exóticas**. Trabalho apresentado pelo farmacêutico Julio Eduardo da Silva Araújo, à Academia Nacional de Medicina, para se inscrever no concurso aberto para provimento da uma vaga de Membro Titular na Secção de Farmácia. Rio de Janeiro.
- Barros, I.C.L. & Andrade, L.H.C. 1997. **Pteridófitas medicinais (samambaias, avencas e plantas afins)**. Recife, Ed. Universitária da Universidade Federal de Pernambuco.
- Boscolo, O.H. & Senna-Valle, L. 2008. Plantas de uso medicinal em Quissamã, Rio de Janeiro, Brasil. **Iheringia**, sér.Bot., 63(2): 263-277.
- Botrel, R.T. *et al.* 2006. Uso da vegetação nativa pela população local no Município de Ingaí, MG, Brasil. **Acta Botanica Brasílica** 20(1): 143-156.
- Brandão, M.G.L. *et al.* 2008. Brazilian medicinal plants described by 19th century European naturalists and in the Official Pharmacopoeia. **Journal of Ethnopharmacology** 120(2): 141-148.
- Brumitt, R.K. & Powell, C.E. (Eds.) 1992. **Authors of Plant Names: a list of authors of scientific names of plants, with recommended standard forms of their names, including abbreviations**. London, Royal Botanic Garden Kew.
- Chernoviz, P.L.N. 1908. **Formulário ou guia médico**. 18. ed. Paris, R. Roger & F. Chernoviz.
- Cotton, C.M. 1996. **Ethnobotany: principles and applications**. Chichester, John Wiley & Sons.
- Filgueiras, T.S. & Peixoto, A.L. 2002. Flora e vegetação do Brasil na carta de Caminha. **Acta Botanica Brasílica** 16(3): 263-272.
- Garlet, T.M.B. & Irgang, B.E. 2001. Plantas medicinais utilizadas na medicina popular por mulheres trabalhadoras rurais de Cruz Alta, Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais** 4(1): 9-18.
- Giorgetti, M.; Negri, G.; Rogrigues, E. 2007. Brazilian plants with possible action on the Central Nervous System – a study of historical sources from the 16th – 19th century. **Journal of Ethnopharmacology** 109: 338-47.
- Gomes, B.A. (Org.) 1876. **Pharmacopêa Portuguesa**. Lisboa, Imprensa Nacional.
- Guimarães, M.R.C. 2005. Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos** 12(2): 501-14.
- Kirk, P.M. *et al.* 2001. **Ainsworth & Bisby's Dictionary of the fungi**. 9th ed. Wallingford, CAB International.
- Luczaj, L. 2008. Archival data on wild food plants used in Poland in 1948. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine** 4: 4. <http://www.ethnobiomed.com/content/4/1/4> (Acesso em: 28/1/2008).
- Medeiros, M.F.T. 2007. Fontes documentais do século XIX: fundamentos para a pesquisa etnobotânica hodierna. Pp. 565-568. In: Barbosa, L.M. & Santos Júnior, N.A. dos (orgs.). **A botânica no Brasil: pesquisa, ensino e políticas públicas ambientais**. São Paulo, Sociedade Botânica do Brasil.
- Medeiros M.F.T. 2009. **Etnobotânica histórica: princípios e procedimentos**. Recife, NUPEEA/ Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia.
- Medeiros, M.F.T.; Senna-Valle, L.; Andreatta, R.H.P. 2005. Flora medicinal dos sitiantes da Reserva Particular do Patrimônio Natural Rio das Pedras, Mangaratiba, Rio de Janeiro, Brasil: taxonomia e aspectos etnobotânicos. **Publicações Avulsas do Museu Nacional** 106: 3-24.
- Mendes, M.A.S. *et al.* 1998. **Fungos em plantas no Brasil**. Brasília, Embrapa – SPI, Embrapa – Cenargen.
- MISSOURI Botanical Garden's VAST (VAScular Tropicos) nomenclatural database – W3 Tropicos. <http://mobot.mobot.org/W3T/Search/vast.html> (Acesso em: 20 /11 /2006).
- Pardo-de-Santayana, M; Tardio, J; Heinrich, M; Touwaide, A. & Morales, R. 2006. Plants in the works of Cervantes. **Economic Botany** 60(2): 159-181.
- Pollio, A; De Natale, A; Appetiti, E & Touwaide, A. 2008. Continuity and change in the Mediterranean medical tradition: Ruta spp. (rutaceae) in Hippocratic medicine and present practices. **Journal of Ethnopharmacology** 116(3): 469-482.
- Santos, M.G. & Sylvestre, L. 2000. Pteridófitas comercializadas por erveiros de Niterói e do Rio de Janeiro, RJ, Brasil: uma abordagem etnobotânica. **Leandra** 15: 79-90.

- Silva, M.F. & Corrêa, Y.M.B. 1995. Plantas ruderais de Manaus e seu potencial de utilização. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi** **11**(2): 239-254.
- Silva, V.A. & Andrade, L.H.C. 1998. Etnobotânica Xucuru: plantas medicinais. **Revista Brasileira de Farmácia** **79**(1/2): 33-36.
- Taylor, W.R. 1967. **Marine algae of the eastern tropical and subtropical coasts of the Americas**. Michigan, The University of Michigan Press.
- THE International Plant Names Index – IPNI. <http://www.ipni.org/ipni/plantnamesearchpage.do> (Acesso em: 20/11/2006).
- Tryon, R.M. & Tryon, A.F. 1982. **Ferns and allied plants with special reference to Tropical America**. New York, Springer-Verlag.
- Wynne, M.J. 1998. **A checklist of benthic marine algae of the tropical and subtropical western Atlantic: first revision**. Berlin, Strauss Offsetdruck GmbH.